

**SUBJETIVIDADE DA IMAGEM: UM ATO NARCÍSICO COMO (RE)AFIRMAÇÃO  
SUBSTANCIAL DA EXISTÊNCIA EM “A SURPRESA”,  
DE CLARICE LISPECTOR**

***SUBJECTIVITY OF THE IMAGE: A NARCISSIC ACT AS A SUBSTANTIAL  
(RE)AFFIRMATION OF THE EXISTENCE IN “THE SURPRISE”, OF CLARICE  
LISPECTOR***

Sandro dos Santos Nascimento<sup>1</sup>  
Ivanildo da Silva Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Clarice, nas crônicas, assim como em outros textos, ultrapassa a linguagem que perpassa a própria significação. Por isso, esse artigo busca desvendar, através da subjetividade, como a imagem da protagonista refletida no espelho, na crônica “A surpresa”, pode ser compreendida como meio de (re)conhecimento do corpo e, por sua vez, (re)afirmação da existência feminina, uma vez que partimos do pressuposto de que “A imagem é o domínio da aparência”, Sartre (2017, p.19). É tendo a imagética como ponto de partida que o leitor se depara com a protagonista do texto, que, ao ver-se refletida no espelho, surpreende a si própria. Isto é, libera de seu inconsciente a imagem das sensações (NASIO, 2009) visto que, desse ponto em diante, a protagonista passa a reconhecer o próprio corpo e se coloca como existente no mundo. Para isso, ancoramos nossa análise nos textos de Freud (2010), Sartre (/2017) Byung-Chul Han (2017) e Nasio (2009).

**Palavras-chave:** Psicanálise. Filosofia. Literatura. Narcisismo. Clarice Lispector.

**ABSTRACT:** Clarice, in the chronicles, as well as in other texts, goes beyond the language that permeates its own meaning. Therefore, this article seeks to unveil, through subjectivity, how the image of the protagonist reflected in the mirror, in the chronicle “The surprise”, can be understood as a means of (re)cognition of the body and, in turn, (re)affirmation of female existence, since we assume that “The image is the domain of appearance”, Sartre (2017, p.19). It is with imagery as a starting point that the reader is faced with the protagonist of the text, who, upon seeing herself reflected in the mirror, surprises herself. That is, she releases the image of sensations from her unconscious (NASIO, 2009) since, from that point on, the protagonist starts to

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: [sandrosantoslpg@gmail.com](mailto:sandrosantoslpg@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) E-mail: [ivblackcat3@gmail.com](mailto:ivblackcat3@gmail.com)

recognize her own body and posits herself as existing in the world. For this, we anchor our analysis in the texts of Freud (2010), Sartre (2017) Byung-Chul Han (2017) and Nasio (2009).

**Keywords:** Psychoanalysis. Philosophy. Literature. Narcissism. Clarice Lispector.

## INTRODUÇÃO

“Como criatura da linguagem, o escritor está sempre envolvido nas guerras das ficções<sup>3</sup> [...]” (BATHES, 2015, p. 43). Conforme Barthes (2015) há sempre uma batalha ficcional na linguagem, e o escritor, como criatura que vive imerso no mar dessa linguagem, está sempre enfrentando inúmeras batalhas, uma vez que é preciso conquistar o território das palavras (e de tudo que as acompanham) para poder construir as histórias e seus universos. Escrever é sempre um desafio. É o ponto do próximo perigo! Pois quem escreve nunca saberá quais píncaros alcançará a sua obra. Ao desprender-se da proteção do seu criador, a obra se torna pungente e airosa, rompendo a redoma que a protegia das opiniões e críticas, e paira nos universos alheios com longas asas douradas, cabendo ao leitor, portanto, pompear ainda mais o dourado das asas plumosas ou simplesmente cortá-las e lançá-las abismo abaixo. De todo modo, escrever é um sempre um risco. Desse perigo provou Clarice Lispector, pois já contava com algumas publicações, no campo jornalístico, antes de publicar, por volta de 1940, o seu primeiro conto. Em meado de Dezembro de 1943, Lispector traz a público seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*, obra que trazia grandes inovações no campo literário e no modelo de escrita. O romance consagrou a autora, pois foi bem recebido pela crítica literária brasileira. Isso não ocorreu com o seu segundo romance *O lustre* (1946), que apesar de ser uma produção bem mais ambiciosa, deixou a crítica dividida. Dois anos depois, Clarice lança o livro que quase derrocou a sua carreira, *A cidade sitiada* (1948). A recepção acerca desse romance foi cruel. Grande parte da crítica não conseguia compreender a narrativa, e, antes de publicá-lo, Clarice sofreu várias recusas por parte das editoras. Mas a autora, apesar de

profundamente incompreendida, não se deixou vencer. Em 1956 publica *A maçã no escuro*, e, em 1960, publica a coletânea de contos *Laços de Família*, ambos os livros considerados como a fase madura da autora. Em anos posteriores, publica outras coletâneas de contos e outros romances, além de colaborar em jornais com textos em crônica<sup>4</sup>. Nosso objeto de análise se detém nos textos em crônicas, publicados em meados de 1967 a 1973, reunidos, em 1999, no livro *A descoberta do mundo*, pela Editora rocco.

Partindo da coletânea (já referida), focaremos na crônica “A surpresa”, texto curto, mas extremamente denso. A narrativa, a nosso ver, é uma das mais pungentes e complexas, presente na coletânea. Nesse texto, a autora traz à tona, muitas questões do humano, dentre eles o ato de se observar e se (re)conhecer como ser existente no mundo. Em *A descoberta do mundo*, podemos notar um ambicioso, e, ao mesmo tempo, leve e sorrateiro, trabalho realizado por uma das vozes mais marcantes e significativas de nossas letras, Clarice Lispector. Desta feita, buscaremos encontrar as escarpas das palavras que nos dê base para analisarmos como o reflexo corporal projetado no espelho, dá margem à compreensão de que ocorreu um meio de (re)conhecimento do corpo e, ao mesmo tempo, a (re)afirmação da existência no mundo.

## DE SARTRE À NASIO: OS DOIS PLANOS DA PROJEÇÃO DA IMAGEM

Aquilo que se projeta diante de nossos olhos chama, quase sempre, a nossa atenção, possivelmente, pelo próprio fato de sua existência. Saber se o que fora projetado está em sua totalidade ou não, requer certas observações mais aprofundadas. O fato é que, segundo Sartre, a imagem pode existir tanto no plano da materialidade quanto no plano da consciência. Então, por analogia, se o observador se depara com um livro sobre uma superfície, digamos que o seu foco é o livro, esse objeto está existente na realidade, diante de si. Mas, digamos, se observador, de repente, retirou seu campo de visão do livro; isto

---

<sup>4</sup>Crônica é escrita [...] por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisas sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto no nosso modo de ser mais natural. (CANDIDO, 1993. p. 23).

é, ficou de costa para o livro, o objeto deixou de existir? Conforme Sartre (2017), o objeto continua existindo não só em sua forma concreta/física, como também na consciência do observador. É o que podemos entender nas páginas iniciais do livro *A imaginação* (2017), de Sartre. Nesse livro, o filósofo faz um estudo acerca da existência da imagem, em que, conforme o autor “a imagem é uma coisa, tanto quanto a coisa da qual é a imagem” (p.10). Ou seja, coisa e imagem são o mesmo elemento. Em seu estudo, Sartre analisa uma folha branca. O filósofo reflete que se o observador olha uma folha e depois deixa de olhá-la, a folha continuará com sua existência, só que, a partir de então, “a folha em imagem e a folha em realidade são uma única e mesma folha em dois planos diferentes de existência” (SARTRE, 2017, p. 9). Destarte, podemos afirmar que a imagem das coisas existe em planos diferentes e continua a ser a mesma coisa, como se estivessem em um único plano. De modo semelhante, a existência continua, mesmo que o observador retire o objeto observado para longe. Sartre, ainda na análise da folha, escreve que se a folha que está sobre a superfície é retirada, para longe, essa mesma folha continua existindo sobre a superfície, pois “ela não existe *de fato*, ela existe em imagem” (2017, p.8). Isto é, a folha continua existindo (em forma de imagem) na determinada superfície, por mais que o observador não a enxergue mais em seu plano concreto.

Os apontamentos e as reflexões de Sartre nos fazem entender que a *imagem* é algo marcante, e mexe diretamente e indiretamente com a nossa *imaginação*, uma vez que os planos de existência são diferentes, mas sua forma em *imagem* continua inalterada. A imagem está presente mesmo antes da nossa compressão de sua existência. Ou seja, faz parte de nossa vida desde a infância, mesmo antes — conforme Nasio (2009) — de nos depararmos com nossa própria imagem refletida no espelho. Isso ocorre porque, conforme a psicanalista, temos a imagem inconsciente de nosso corpo, e essa imagem é um conjunto de impressões gravadas em nosso psiquismo desde o nascimento, ou até mesmo antes. Podemos compreender melhor ao lermos a citação a seguir:

A imagem inconsciente do corpo é o conjunto das primeiras impressões gravadas no psiquismo infantil pelas sensações corporais que um bebê, até mesmo um feto,

sente ao contato de sua mãe, ao contato carnal, afetivo e simbólico com sua mãe. Sensações que foram sentidas pela criança antes do domínio completo da palavra e antes da descoberta de sua imagem no espelho, isto é, antes dos três anos (NASIO, 2009, p. 19-20).

A citação acima nos deixa cientes de que a imagem está ligada diretamente ao corpo, ou melhor, é algo corporal. É o conjunto de nossas impressões iniciais acerca das sensações experimentadas pelo bebê desde a sua formação, uma vez que há formas (conforme Nasio) de contato bebê-mãe durante a gestação. A partir do entendimento da imagem como produto das ações corporais, Sartre (2017, p. 13) afirma que “a imagem é uma coisa corporal, é o produto da ação dos corpos exteriores sobre o nosso próprio corpo por intermédio dos sentidos e dos nervos”. Ou seja, a imagem se faz desde o contato do embrião com a mãe, pois essa “mãe” estaria representando o externo para com o bebê. Nasio, em suas reflexões acerca da imagem para o bebê de três anos, traz duas descobertas importantes, a primeira por Lacan<sup>5</sup> quando afirma que o bebê alegra-se ao deparar-se com seu reflexo no espelho “o bebê, surpreso, alegra-se ao ver a silhueta de seu corpo refletida no espelho” (NASIO, 2009, p. 20). A segunda é pela perspectiva de Dolto<sup>6</sup> em que afirma que a imagem refletida causa amargura ao bebê, uma vez que a criança começa a perceber a dolorosa defasagem entre a idealidade de sua imagem e a autenticidade de sua matéria, pois “essa amarga desilusão, tão penosa para a criança, é considerada por Dolto como um verdadeiro trauma, um abalo no psiquismo infantil” (NASIO, 2009, p. 20). Essa “amargura da desilusão dá lugar à astúcia inocente de uma criança que utiliza sua imagem especular em prol de seu narcisismo” (NASIO, 2009, p. 21). Como podemos observar, Nasio traz duas perspectivas interessantes para compreendermos a percepção da *imagem* captada pelo bebê por volta dos três anos de idade. Enquanto, conforme Nasio, para Lacan a criança encontra Júbilo ao notar-se no espelho; para Dolto, ocorre, na criança, um desapontamento, uma amargura, considerando que, por volta de três anos, o bebê já começa a perceber as nuances entre a imagem

<sup>5</sup> Jacques-Marie Émile *Lacan* (1901 -1981), psicanalista francês.

<sup>6</sup> Françoise Dolto, (1908-1988), foi uma pediatra e psicanalista francesa.

sua refletida e a matéria corporal que o compõe. Essa compreensão que a criança passa a ter da imagem (conforme as citações anteriores) contribui significativamente para o aparecimento do narcisismo, uma vez que a criança passa a dedicar-se à imagem externa e não à interna. Isto é, aquilo que ela quer mostrar aos outros, pois

Quando a criança percebe que a imagem que ela dá a ver aos outros é sua imagem do espelho, e que essa imagem não é ela, que os outros só têm acesso a ela pelo que ela dá a ver, com isso ela privilegia as aparências e negligencia suas sensações internas (NASIO, 2009, p.21).

Uma vez negligenciadas as sensações internas, conforme Nasio, corre-se o risco de a criança esquecer o lado de dentro para aprimorar dedicadamente o lado de fora. Diante da experiência amarga do notar-se em reflexo, a criança passa a utilizar a sua própria imagem, de acordo com a autora, em prol do narcisismo. O narcisismo, de acordo com Freud (2010, p.11), “designa a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos”. Em outras palavras, é um enamoramento, uma dedicação à imagem de si pensando ser outro. Isso fica-nos mais claro quando nos deparamos com os apontamentos de Byung-Chul Han<sup>7</sup> acerca do narcisismo, no seu livro *A agonia de Eros* (2017). Conforme o autor,

O narcisismo não é um amor próprio. O sujeito do amor próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro em benefício de si mesmo. O sujeito narcísico, ao contrário, não consegue estabelecer claramente seus limites. Assim, desaparecem os limites entre ele e o outro (HAN, 2017, 9-10).

Quer dizer, ao desaparecer os limites entre o sujeito narcísico e o outro, ambos passam a ser apenas um. Quando a criança de três anos se depara com a sua imagem no espelho, e ocorre o processo (de acordo Nasio) de amargura, ela se percebe a partir dessa imagem. Ocorre então uma dedicação à imagem refletida, o que, por sua vez, é tida como a imagem do outro. Desse modo, o

---

<sup>7</sup> Filósofo e Professor de Estudos Culturais na Universidade Berlin e autor de inúmeras obras publicadas sobre a sociedade e suas ações.

“tratar do próprio corpo” mencionado por Freud, conforme a explicitação dos apontamentos de Han, seria então tratar do próprio corpo pensando ser de outro, uma vez que, como podemos notar na citação acima, o narcísico não (re)conhece o limite entre a sua imagem e a imagem do outro; isto é: para o narcísico “o mundo se lhe afigura como sombreamentos projetados de si mesmo” (HAN, 2017, p. 10), uma vez que o mundo passa a ser projetado a partir da concepção do próprio sujeito narcísico, o narcisismo, para Freud, “não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (2010, p. 11). Deste modo, narcisismo é a veneração da imagem de um outro projetada a partir da imagem do próprio sujeito narcísico que se dá através, ainda na infância, do observar da imagem de si próprio refletida no espelho e, ao decorrer de um processo de amargura, dedica-se à imagem exterior, ao passo em que se esquece da interior como meio de autoconservação de si próprio. Tendo em vista que, segundo Freud, todo ser vivo carrega um pouco desse processo narcísico, assim como desse narcisismo que ao projetar-se reflete o (re)conhecimento de si diante do mundo.

### **“A SURPRESA”, UMA CRÔNICA DE CLARICE LISPECTOR: VENERAÇÃO DA AUTOIMAGEM COMO DESCOBERTA E (RE)AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA**

Conforme Nasio, a imagem inconsciente do corpo é o traço permanente deixado pelas sensações mais significativas de nossa infância, pois, para a autora, essa imagem se prolonga e faz o sujeito revivê-la, sem, muitas das vezes, notá-la. Essa imagem se refere às imagens sensoriais ainda de nosso corpo infantil. Isso se dá, segundo a psicanalista, pelo fato de “todo vivido afetivo e corporal intenso, consciente ou não, deixar seu traço no inconsciente” (NASIO, 2009, p. 25). Desse modo, “a imagem inconsciente do corpo não é nada além de uma sensação que perdura” (NASIO, 2009, p. 24). Se partirmos desse pressuposto, podemos dizer que, mesmo que na fase adulta, por diversos fatores, essas imagens sensoriais do nosso corpo tenham se tornado nebulosas, uma hora ou outra, mesmo que inconscientemente, elas virão à tona; isto é,

vão emergir do recôndito de nós mesmo, mesmo que elas não sejam sentidas ou percebidas por nós.

Em outras palavras, por um teor filosófico, acreditamos que Sartre fale do contexto, explicitado no parágrafo anterior, pelo seguinte pensamento:

As imagens estão ligadas entre si por relações de contiguidade, de semelhança, que agem como “forças dadas”; elas se aglomeram segundo atrações de natureza em parte mecânica, em parte mágica (SARTE, 2017, p.18).

Ora, Sartre, na citação acima, nos fala de imagens que estão interligadas por proximidades e que estão agindo por “forças dadas”. O que seriam essas forças se não a atração da própria natureza? Isto é, se essas forças dadas agem e se aglomeram, em parte mecânica em parte mágica, então significa de dizer que as imagem fluem por uma “força dada”, por uma força que ocorre sem nos darmos conta, inconscientemente. Ainda de acordo com Nasio, as imagens sensoriais emergem sem, precisamente, nos darmos conta; que, no pensamento de Sartre, as imagens sensoriais emergiriam como por um meio mecânico ou passe de mágica.

É por esse viés que buscaremos analisar a crônica “A surpresa”, de Clarice Lispector. Ao que parece, ao iniciarmos a leitura da narrativa, temos uma estória que começa, não do início, mas de um recorte de um indeterminado tempo. Expliquemos: em “A surpresa” o texto parece nos dá margem para entendermos que, antes do início da narração, a personagem protagonista viveu, sentiu, experimentou algo antes de: “Olhar-se ao espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência” (LISPECTOR, 1999, p. 23). Ao que nos parece, o texto nos fornece elementos para apontarmos que a partir do momento que a personagem vislumbra-se no espelho, ela enxerga a si própria. Ora, se só a partir do momento que a personagem se vê refletida no espelho é que ela se (re)conhece com “misteriosa”, “delicada” e “forte” , como então ela se adjetivava antes desse (re)conhecimento? Incógnita! Mas há algo que podemos afirmar: O fato de a personagem olhar-se e gostar de sua imagem refletida, nos



faz lembrar uma das duas descobertas trazida por Násio. Falamos da descoberta referida a Lacan, quando a autora escreve que, para Lacan, o fato de a criança se ver refletida no espelho é prazeroso<sup>8</sup>.

Devemos distinguir duas descobertas, por parte da criança, de sua imagem no espelho: a primeira, descoberta por Lacan; a segunda, por Dolto. A primeira se dá muito cedo, quando o bebê, surpreso, alegre-se ao ver a silhueta de seu corpo refletida no espelho. Fascinado por seu duplo - ainda que toscamente percebido -, o bebê agita-se e sente-se feliz. É esse reconhecimento lúdico da imagem especular do corpo, ou, se preferirem, da imagem global do corpo, que Lacan conceitualizou sob a expressão “estádio do espelho” (NASIO, 2009, p. 20).

Desta feita, temos, na crônica de Lispector, uma personagem que parece resgatar sensações, talvez, adormecidas. Isto é, um sujeito que ao ver sua silhueta no espelho, faz emergir sensações inconscientes da infância<sup>9</sup>. Isso nos faz lembrar o que Sartre diz sobre a imagem ser o próprio domínio da aparência. Obviamente, se o sujeito se vê, ele se percebe. Quando o indivíduo se percebe em imagem, logo essa imagem torna-se dominante de sua aparência como indivíduo substancial. Compreendemos melhor quando lemos o que escreve o filósofo. Ele escreve que “a imagem é o domínio da aparência, mas de uma aparência à qual nossa condição de homem dá uma espécie de substancialidade” (SARTRE, 2017, p. 19). Sartre nos remete à ideia do homem como espécie considerável. Como espécie avultada, o homem necessita de ter o domínio de sua imagem como (re)afirmação de sua aparência, o que, por sua vez, diz de sua existência no mundo. Podemos observar esses apontamentos no próprio texto literário, ou melhor, na própria crônica de Clarice. Dando continuação à narrativa, temos:

Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a

<sup>8</sup> Ver terceiro parágrafo do capítulo *Imaginação ou realidade? Os dois planos da projeção da imagem*

<sup>9</sup> Ver citação direta depois do segundo parágrafo do capítulo *Imaginação ou realidade? Os dois planos da projeção da imagem*

ser olhado. A isto se chama talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser (LISPECTOR, 1999, p. 23).

A continuação da narrativa nos revela algo: que não existe ser humano — seja ele do sexo masculino ou feminino — que ao olhar-se no espelho não tenha se surpreendido consigo próprio. Isto é, estar diante de si mesmo pode ser prazeroso (Lacan) ou pode ser extremamente desprazeroso, angustiante (Dolto), conforme já explicitamos segundo os apontamentos de Nasio. O fato é que contemplar a imagem de si mesmo, diante do espelho, pode revelar ao sujeito sentimentos diversos. A literatura tem representado diversos recortes de esse ato de observar a imagem de si refletida em superfície de espelhamento. A poeta modernista brasileira, Cecília Meireles, em seu poema *Retrato*<sup>10</sup> nos traz um recorte de esse “contemplar-se”. No poema, o eu-lírico parece contemplar um retrato de si mesma, que pode também ser a sua imagem refletida no espelho: “Eu não tinha este rosto de hoje, / assim calmo, assim triste, assim magro, / nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo” (MEIRELES, 2001, p. 18). Nesse trecho do poema, é possível perceber o desprazer que o eu-lírico sente ao perceber-se com expressão tão vazia, amarga e triste; expressões essas bem contrárias às adjetivações feitas, a si mesma, pela personagem-narrador de Lispector. Acreditamos estar diante de um poema cujo eu-lírico se desnuda diante de si mesmo e, ao desnudar-se, se percebe como de fato é, o que lhe causa sentimentos com teor de amargura. O poema termina de maneira inteiramente poética: “— Em que espelho ficou perdida a minha face?” (MEIRELES, 2001, p. 18). Em outras palavras, em que espelho “eu” (enquanto espécie substancial) me perdi? Incógnita.

O que parece fazer relação do trecho do poema de Cecília com a crônica de Clarice, além do fator espelho, é a maneira como eu-lírico e personagem observam a si mesmas. Ambas estão sendo objetos de si mesmas. Tanto no poema quanto na crônica há estranhamento nesse (re)conhecer o corpo refletido, apesar de que no início da crônica a personagem se alegra ao notar-se refletida no espelho. Já no poema o desprazer é do início ao fim, como

---

<sup>10</sup> Esse poema de Cecília Meireles [1901-1964] pode ser encontrado em antologias da autora, como por exemplo na “Antologia Poética”, edição da Nova Fronteira.

prelúdio de um possível luto de seu próprio corpo. Em outras obras de Clarice de Lispector, o *espelho*, também, é objeto referenciado, como por exemplo, no romance *Água Viva* (1998), Vejamos:

Espelho? Esse vazio cristalizado que tem dentro de si espaço para se ir para sempre em frente sem parar: pois espelho é o espaço mais fundo que existe. E é coisa mágica: quem tem um pedaço quebrado já poderia ir com ele meditar no deserto. Ver-se a si mesmo é extraordinário (LISPECTOR, 1998, p. 78).

“Ver-se a si mesmo é extraordinário”, tão extraordinário que em, “A surpresa” temos o ato de “ver-se” como “um objeto a ser olhado”. Objeto porque “quem olha um espelho, quem consegue vê-lo vem se ver” (LISPECTOR, 1998, p. 78). Nessa ação de olhar para o espelho em busca de se olhar, poderia, conforme a narradora de “A surpresa” ser chamada de “narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser”. Essa “alegria de ser” (a qual a narradora de “A surpresa” menciona) pode ocorrer porque, conforme Byung-Chul Han, o narcísico “só encontra significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo” (HAN, 2017, p. 10).

O que é possível de observar é que, nos trechos já citados da crônica, há uma relação erótica e narcísica mediante o contemplar da própria imagem, pela personagem. Primeiramente a personagem-narradora olha para si própria no espelho e se preenche de adjetivos, como, talvez, numa tentativa de autoedução. A isso Freud chama de *autoerotismo*, pois, para o psicanalista, o erotismo tem sua parcela na formação narcísica, entretanto, apenas a ação autoerótica não é suficiente, é preciso algo a mais, como é possível de verificar na citação seguinte.

[...] o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (FREUD, 2010, p. 14).

O autoerotismo, também, faz parte do mito de Narciso, lá em *Metamorfoses*, de Ovídio. Cansado e com sede, o jovem Narciso resolve ir beber

água de uma fonte, quando contempla o reflexo de seu corpo e face na água ele fica em êxtase diante de tamanha graça e beleza. Narciso se apaixona por si mesmo crendo vislumbrar um corpo outro. Vejamos:

Enquanto bebe, arrebatado pela beleza da imagem que avista/ ama uma ilusão sem corpo. Crê ser corpo o que apenas é água/ Extasia-se ante si mesmo e fica imóvel [...] Contempla as faces, virginais ainda, o colo de marfim/ a graça da boca e o rubor misturado a nívea brancura/ Admira tudo o que o torna a ele digno de admiração (OVÍDIO, 2017, 191).

Como podemos observar o jovem Narciso apaixona-se pela própria imagem refletida no espelho d'água. O modo como ele se extasia pelo autorreflexo crendo ser reflexo de um outro, a nosso ver, se aproxima da frase do filósofo Byung-Chul Han, quando ele escreve que “o narcisismo não é um amor próprio” (HAN, 2017, p. 9). E é nessa ideia do narcisismo não ser um enamoramento a si próprio, mas sim à imagem que parte de si para projetar um outro, “ilusório”, que o desfecho da crônica de Lispector nos dá elementos para (re)afirmar a afirmativa de Han, pois, o desfecho da crônica nos diz que, para o ato de o indivíduo se ver como a um objeto a ser olhado, para a personagem-narradora, não seria uma ação narcísica, e sim um instante epifânico em se perceber sendo. Seria “a alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo” (LISPECTOR, 1999, p. 23). Perceba que a “alegria”, destacada pela personagem-narradora, está ligada ao fato de se encontrar na “figura externa”, isto é, realizar-se no externo que possui “ecos” do interno do próprio indivíduo. O jovem Narciso se encanta pelo externo de si mesmo, ou seja, pela imagem que se projeta no momento em que ele alcança a fonte; no entanto, essa projeção de si mesmo é o outro ilusório. De mesmo modo, a nosso ver, ocorre com a personagem-narrador de “A surpresa”. Ela fica diante do espelho e nota sua autoimagem e se extasia diante de si, talvez, crendo ser um outro; que, afinal, na percepção narcísica não deixaria de ser.

Portanto, como foi possível percebermos, na crônica, a imagem da protagonista refletida no espelho, pode ser compreendida como meio de (re)conhecimento do corpo, que, por sua vez, proporciona a (re)afirmação da

própria existência, pois “a imagem é o domínio da aparência”, Sartre (2017, p.19). É no momento em que se percebe que o indivíduo narcísico encontra o perigo. Isso ocorreu no mito de Narciso e, também, ocorreu no poema de Cecília, assim como ocorre na crônica de Lispector. A partir do momento em que a personagem-narradora se percebe no espelho é que ela começa a se adjetivar, e encontra “a alegria de ser” justamente quando ocorre o enamoramento pela figura externa que, por sua vez, emerge das sensações internas do inconsciente. No mais, como nos alerta Sartre (2017, p. 37), “o homem é uma coisa viva, a imagem é uma coisa, uma coisa também é o pensamento”, e saber ajustar esses elementos em doses certas pode ser uma saída para não ser um indivíduo que “vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que afoga em si mesmo” (HAN, 2017, p. 10), a exemplo do jovem Narciso e (por que não?) do eu-lírico do poema “retrato”, de Cecília Meireles.

241

O fato é que, em “A surpresa”, de Clarice Lispector, a linguagem é reinventada, toma novos sentidos. O olhar para si mesma não é mais somente um ato de autoerotização, um ato de autonamorar, é algo mais. Como por exemplo, enxergar-se como objeto para (re)colocar o próprio corpo como afirmação da própria existência. Para isso se personifica, se adjetiva, se inventa e se (re)inventa, dentro do espaço que compõe o indivíduo e pelo indivíduo composto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem.<sup>11</sup>”. O simples fator de *ver* não é tão simples assim como, provavelmente, chegamos a imaginar. A prova disso está nas palavras do mestre José Américo de Almeida. *Ver* requer minúcias, persistência; requer um olhar outro que não se deixa enganar-se de primeira. Requer olhar de uma maneira utilizada por poucos e, talvez, por ninguém. *Ver* é, também, perceber diante de si as imagens que se projetam ou são projetadas por alguém. O indivíduo ao chegar frente do

---

<sup>11</sup> (ALMEIDA, 2017, p. 83). José Américo de Almeida [1887-1980].

espelho a sua imagem se projeta ou é (por esse mesmo indivíduo) projetada? Talvez ambas as coisas.

Nesse breve estudo, foi possível enveredar pela escrita de uma das vozes mais vibrantes de nossas letras, Clarice Lispector. Ler Clarice é sempre um desafio porque não sabemos por quais caminhos ela nos levará, e esse desafio se torna ainda mais pungente quando ousamos relê-la. Rerler Clarice requer encontrar, bem antes, o ponto chave, o sentido do “ver bem” porque o enxergar perfeitamente as entrelinhas da escrita clariceana não requer “ver tudo”, mas somente encontrar os píncaros que ninguém os viu. O que temos em “A surpresa” (ousamos dizer) é, por si só, já uma surpresa. Surpresa não apenas por parte da personagem-narrador, mas também por parte do leitor, pois ao mesmo tempo em que visualiza a personagem mirando sua autoimagem, o leitor (a partir da personagem) pode se mirar e se identificar também. É, afinal de contas, um ver sendo visto.

Portanto, a crônica analisada (arriscamos afirmar) não é somente uma produção literária, é, também, uma representação do homem ou da mulher que se busca e que se anseia. É uma representação do encontrar as minúcias da existência, numa tentativa de se (re)afirmar como Ser substancial do mundo, nem que para isso corra-se o risco de venerar a si próprio, crendo estar observando um outro. De todo modo, diz-se necessário porque para que o pensamento se torne consciente é preciso recorrer às imagens e palavras, como é possível verificar na afirmação de Sartre: “o pensamento [...] para tornar-se consciente, tem necessidade de imagens e de palavras” (SARTRE, 2017, p. 69). É justamente isso: acreditamos, que ocorre quando a personagem-narradora, da crônica analisada, se vê em imagem no espelho, a partir de seu autorreflexo, ela torna o pensamento, antes inconsciente, consciente através das palavras, ou melhor, dos adjetivos que atribui a si mesma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 12: **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 45<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

BATHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 20015.

HAN, Byung-Chul. **A agonia de eros**. 3<sup>a</sup> ed. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NASIO, J.-D. **Meu corpo e suas imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009.

OVÍDIO (Publius Ovídio Naso). **Metamorfoses**. Trad. Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

SARTRE. Jean-Paul. **A imaginação**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2017.

Recebido em: 01/2021

Aprovado em: 02/2021

